



A CRISE NA CONSCIÊNCIA MÍTICA E O MOVIMENTO DE AUTOFORMAÇÃO EM ERNST CASSIRER

Wagner de Moraes Pinheiro¹

RESUMO

O artigo apresenta a crise na consciência mítica para Ernst Cassirer como origem da autoformação (*bildung*) do homem, através da autoliberação pelos símbolos. Para tal, é mostrado o conceito de símbolo para o autor, o conceito de consciência mítica e a passagem para formas em sua origem no mito. A argumentação a favor da permanência do mito nas formas simbólicas se põe a partir do desenvolvimento do círculo da cultura humana, propondo que a autolibertação pelos símbolos se estabelece no surgimento de suas manifestações patológicas diversas, como arte e a linguagem, como também em formas teóricas, como a lógica formal – todas surgidas do mito. Assim, aponta-se ao final, que a crise do mito não o supera, mas mostra ainda que a dialética da consciência mítica é o próprio movimento de autolibertação da consciência humana.

Palavras-chave: Ernst-Cassirer; Mito; autoformação

INTRODUÇÃO

Este artigo² tem como objetivo apresentar a filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer, a partir da ideia de consciência mítica, propondo que a crise no mito tem uma oportunidade para a formação e permanência da cultura, por meio da crítica e autoconhecimento. O florescer de novas formas, como se argumentará, procede do mito, sendo a crise da consciência mítica o berço da cultura. A permanência do mito ainda nos ensina sobre a expressão da cultura, que está na subjetividade inerente ao homem, principalmente em suas formas patológicas. Todavia, até nas formas teóricas há uma relação mágica com a cultura, representada pela subjetividade própria da emoção humana e sua irracionalidade que também o define. Ao se apresentar o desenvolvimento da

¹ Mestre em Filosofia e ensino pelo PPFEN – CEFET/RJ: Maracanã (2017). Professor Docente I em: SEEDUC/RJ, CEMJBM. E-mail: wagnerdemoraespinheiro@gmail.com

² O artigo é fruto de reflexão construída a partir de um capítulo de livro intitulado “o homem como animal simbólico – o cálculo nas decisões humanas”, publicado na edição “Erva-Cidreira – Produção de conhecimento, material didático e outros ensaios” (In: CASTANHEIRA, 2016).



consciência mítica e seu papel na autoformação, se argumentará sobre as diferentes formas que surgem a partir dele, de modo que o homem está em constante tensão consigo, e não pode fugir de sua relação com sua origem – o mito.

O SÍMBOLO COMO FORMA SIMBÓLICA – O MITO E AS OUTRAS FORMAS

O símbolo é compreendido por Cassirer através do conceito de formas simbólicas. As formas simbólicas são o aparato artificial de compreensão do mundo que o homem desenvolve num âmbito teórico, prático, estético, tecnológico, ou qualquer que seja, desde que esteja inserido na cultura. O símbolo é o entendimento de mundo que só é capaz uma vez que este está separado da natureza, com a crise do mito. Essa separação permite que os símbolos estejam em diferentes limites com a realidade e em diferentes relações uns com os outros. Assim, os símbolos, através da história, ganham uma forma através dos quais o homem compreende o mundo. Estes símbolos dividem-se entre os mais variados: arte, ciência, direito etc. Todos pertencentes ao que Cassirer chama de mundo da cultura. Cassirer reconhece que há uma origem sensível na relação do contato do homem com o mundo, e que todos os símbolos possuem essa parte que também é dada pelos sentidos, mas também que uma vez que o círculo funcional humano inclui a criação, através da espontaneidade, o homem vai de uma “reação animal” diz Cassirer “para respostas humanas” (CASSIRER, 2005, p. 40).

Para compreender o que é o símbolo para Cassirer é necessário distinguir daquilo que ele não entende como sendo o símbolo. O símbolo para Cassirer não é uma coroa que “simboliza” o poder ou um prato vazio que “simboliza” a fome³. O símbolo é o elemento de mediação do homem com a realidade. E esta mediação se dá através da objetivação em diversos níveis da realidade a partir da subjetividade do homem. A compreensão subjetiva da realidade não se limita à linguagem, à ciência, ou à metafísica, mas é ampla e multifacetada. Todas essas são carregadas por um empurrão do “mundo exterior”, que parece propor ao homem um nível absurdo de informação, mas só o homem formula suas verdades a respeito deste mundo. Para Cassirer, a compreensão humana de mundo está nas expressões, representações e significações da realidade em suas variedades de manifestações do espírito, que partem da subjetividade humana na busca gradativa pela objetividade de mundo.

³ É necessário distinguir aqui que para Cassirer as “coisas” não são símbolos, pois para ele não há como saber o que são as coisas ou até como elas são. O nosso “testemunho dos sentidos” (CASSIRER, 2004, p. 69) pode nos dizer sobre as coisas, mas o que importa para Cassirer é que a consciência humana é construída a partir dos símbolos, e que a matéria-prima dos símbolos que constroem a consciência está oculta atrás de mais símbolos.



A função de expressão marca o contato humano primitivo com o mundo. Através da pura expressão, sem mesmo haver clara distinção entre o que é representado e o que é expresso, a função de expressão é o contato mais imediato entre o homem e a realidade, no qual a natureza é o próprio homem e o homem a própria natureza. É esta relação quase simbiótica que permite ao homem, no caos da vida, criar, e expressar a natureza, em sua pureza. A natureza e a própria vida confundem-se com a sociedade e seus rituais e processos primitivos. Entretanto, embora pareça ser uma peça apenas pertencente de culturas primitivas, a “função de expressão” – ou função expressiva – é manifesta ainda quando o mito já foi superado, no papel central da autoformação do homem de “criação” (CASSIRER, 2004), (CASSIRER, 2011, p. 130).

A função de representação surge com a inserção do símbolo no homem. A “virada existencial” no homem (CASSIRER, 2005, p. 50). Essa passagem é o que define o novo homem, capaz de entender a realidade através dos produtos de sua consciência efetuada – o homem que Cassirer define como “animal simbólico”. A função de representação busca objetivar⁴ os dados sensoriais recebidos pelos sentidos, por uma consciência receptora, que esse não se tem acesso direto, pois está escondida atrás das imagens que produz. Com os dados que recebe, a consciência produz uma imagem (*Bild*), e a partir dela o homem constrói uma nova consciência. Essa consciência una, a partir de muitas imagens não existe, é uma ilusão, é uma representação a partir do todo. O todo, que para Cassirer prevalece sobre as partes, une os fragmentos assim como no princípio da *Gestalt* da “todo sobre as partes”, de modo que o triângulo que não havia passe a aparecer, e a consciência a acordar. Assim, o representado e representação, na função de representação possuem uma clara diferença, assim como a imagem e a consciência, mas para Cassirer um representado é produto de sua representação, assim como um pai só se torna pai quando nasce o filho, ou o escritor quando escreve o livro. É nesse momento que as formas simbólicas se desprendem da unidade orgânica do mito em sua multiplicidade de manifestações. A função representativa é o movimento do homem de objetivar a realidade em suas múltiplas possibilidades a partir de uma única fonte de criação, a função de expressão. A riqueza desta fonte originária é que dará a possibilidade infinda para a criação humana.

É uma característica comum de todas as formas simbólicas que elas são aplicáveis a qualquer objeto que seja. Não há nada inacessível ou impermeável a elas: o caráter particular de um objeto não afeta sua atividade. O que pensaríamos de uma filosofia da linguagem, da arte ou

⁴A objetivação em Cassirer possui o sentido dado pela *função de representação* na qual o símbolo forma uma imagem que não é um conceito ou uma intuição, mas parte de uma relação entre representação e representado. Como a sombra de um objeto. A representação é uma só com o objeto, sua forma.



uma ciência que começasse a enumerar todas que são sujeitos possíveis de discursos de representação artística e de inquirição científica? Aqui não podemos esperar jamais encontrar um limite definido. Não podemos nem ao menos procurá-lo. (CASSIRER, 1946, p. 34)

A história surge a partir da crise no mito, a linguagem semântica⁵ toma lugar da palavra mágica, a estética surge a partir da arte primitiva como capacidade intelectual de julgar, separando um rito, canto de uma performance artística, e assim, julgá-la em sua beleza. Essas dentre outras, como o direito, ética, astronomia, ciências teóricas, todas surgem a partir do pensamento mítico-religioso. Não há uma superior à outra ou uma forma mais fiel de descrever a realidade. Assim como Hegel, Cassirer promete uma escada que se desenvolve da primitividade unitária no primeiro estágio mítico à universalidade da multiplicidade das formas alcançada através da dualidade função de expressão e representação. A diferença entre a função expressiva e a função representativa é que a função expressiva é meramente criadora, e expressa-se por itens subjetivos, tais como a sensação. À medida que as formas se liberam do pensamento unitário mítico, também a função representativa não se vê mais dependente da sensação, mas da subjetividade desloca-se em direção à objetividade. Entretanto, é necessário compreender que, diferente de Hegel, esta não é uma melhoria, ou uma libertação de tal ou qual etapa, mas o que Cassirer chama de libertação pelos símbolos é a passagem gradativa de uma visão unitária do mundo para uma visão – conhecer, agir e julgar – universal, através da inclusão de mais formas simbólicas na formação do homem, ou seja, de uma gradativa e universal universalização da consciência de si.

A prova de que o mito não é, de modo algum uma forma inferior, ou de que para Cassirer não há gradação entre as formas é que uma vez que a forma de expressão, que é a manifestação que permanece do mito primordial, é necessária e originária na criação das formas simbólicas, assim não há como dissociar qualquer uma forma, como uma etapa ultrapassada, mas sempre um estágio agregado. Assim, a universalização da consciência está sempre na nova relação que se escreve quando uma nova forma é incluída, ou quando se dá novo significado a uma forma ao repensá-la de maneira crítica, ou recolocá-la de modo criativo na cultura. As relações em suas infindas possibilidades são a novidade do símbolo e a autoformação é o acordar do homem para essas possibilidades.

A função de significação, significativa, é aquela pela qual o homem busca gerar significados que remetam a outros significados de modo abstrato, buscando descrever o a realidade através de signos numa relação empírica, mas principalmente numa correlação lógica. Assim, para Cassirer o grande ganho das ciências, e principalmente da matemática e

⁵ A linguagem semântica opõe-se aqui à linguagem usada no mito, com o fim de construir uma realidade mágica. A imagem representada pela palavra é semântica, o mundo construído pela linguagem está fundado na linguagem semântica.



da lógica simbólica, é o caminho em direção a uma universalidade e necessidade que desprende-se da objetividade humana, que está relacionada com o processo da subjetividade e psicológica, através das relações complexas de construção simbólica, de signos que referem-se a outros signos numa abstração maior da realidade, de modo que o processo tornou-se complexo a tal ponto que o próprio homem perdeu-se nele e cabe a este apenas analisar as relações significativas que buscam descrever a realidade em seu significado universal e necessário, afastado do homem individual. Pela primeira vez, uma produção humana é capaz de afastar-se, mesmo que em certa medida, da própria visão humana de mundo. Cassirer reconhece os limites da ciência, mas também reconhece seus ganhos, que para ele estão todos no signo. O signo que descreve a realidade pela primeira vez de modo abstrato, separado dos sentidos. O espaço, tempo e número de modo teórico, a natureza através de relações e fórmulas, teoremas e postulados que descrevem a natureza da luz, as forças invisíveis tais como a gravidade e buscam a origem da vida através de evidências científicas. Entretanto, mesmo nesta função haverá a marca da expressão. Cassirer diz que a ciência é o momento em que se busca a libertação total do mito, mas neste mesmo o mito permanece através da expressão. Primeiro, sempre como aquele que criou e deu origem às formas simbólicas. Em segundo lugar, mesmo que Cassirer considere as ciências teóricas um lugar quase isento da expressão, a libertação do mito nunca é completa no homem e a expressão permanece como o contato com a vida que o cientista possui e busca como um louco compreender aquilo que outros não ousam perguntar. A lógica simbólica, como a lógica Booleana, seria o ponto mais alto da ciência teórica, e menos alcançado pelo mito. Entretanto, mesmo está em sua criação remete à escrita mágica que poderia trazer para os povos uma verdade. A lógica surge para os matemáticos, filósofos e linguistas assim como para os povos primitivos surge a escrita, como a linguagem mágica que traz a conexão com a verdade, a vida e o poder. Desta vez, na lógica simbólica, não um poder místico, mas um poder de deter a verdade que está na clareza da expressão e na não-contradição. A palavra mágica, a escrita e a imagem mítico-mágica trazem um tipo diferente de verdade daquela da lógica. O que assemelha ambas é a esperança de que uma linguagem hermética e totalizante estaria a harmonia que demanda a existência humana. Nesse sentido que Cassirer afirma que o mito é uma forma que persiste no homem, e que, na política, ciência, artes, em épocas e culturas diversas, o mito volta em diferentes formas.

Na palavra mágica, Cassirer refere-se ao dito “nada resiste à palavra mágica” (CASSIRER, 2005, p. 34). Esta é um poder que move a natureza. Na lógica Cassirer diz que o próprio hermetismo simbólico da lógica levaria esta a estar num nível de universalidade e necessidade tal em relação à natureza, que o homem a deseja como ferramenta mágica da



verdade (CASSIRER, 2011). A busca pelo poder totalizante da palavra está novamente numa palavra mágica que não depende tanto do homem, mas que, através de uma tabela de verdade o homem pode alcançar ela, a tão almejada verdade. Talvez neste momento estaria uma crítica ao positivismo lógico de Carnap e Schlick. Apesar de ter sido um grande entusiasta do pensamento desses autores, dando auxílio com pesquisas bibliográficas e dúvidas através de “longas cartas” (FRIEDMAN, 2000), Cassirer nunca se envolveu com o movimento diretamente e possuía duras críticas a ele, considerando que o positivismo encerrava a racionalidade na objetividade lógica e científica.

Para Cassirer as consequências do pensamento de Carnap são limitar, por exemplo, os conceitos de tempo ao conceito moderno de tempo-espaço que ele defendeu em *The Elimination of Metaphysics Through Logical Analysis of Language* (1932). E esta não incluiria nem o tempo ou espaço mítico, ou o estético, o que para Cassirer seria ignorar grande parte do funcionamento do funcionamento do cérebro humano – inclusive para adquirir a verdade ainda quando o homem está fazendo a ciência do dia a dia, por exemplo. Nesse sentido que a função de significação resgata a função de expressão. Pois ao buscar a perfeição da verdade apenas no signo, Carnap pecou num pensamento unitário que limita a razão tanto quanto o irracionalismo moderno. A importância do ganho do símbolo para o homem é uma nova dimensão da realidade. Cada símbolo – Forma Simbólica – é uma compreensão de mundo, e ao mesmo tempo, uma totalidade de mundo em si mesma. A multiplicidade das Formas Simbólicas está na frente do homem como aquela que torna as respostas animais em reações humanas. Ao mesmo tempo que o símbolo revela a realidade ao homem, através de um mundo humano, ele oculta-o de seu contato direto com ela, dissimula a realidade, e em suas mediações esconde-a atrás das miríades dos limites da cultura humana. A compreensão do símbolo por esse aspecto, tendo um papel de velamento e desvelamento da realidade para com o homem, ou seja, que o símbolo é o elemento que revela a realidade e ao mesmo tempo esconde. Assim como Cassirer fala no início da FFSIII⁶, a definição de símbolo que enseja, através da compreensão de si, as coisas que estão por trás desta, ou seja, há algo que se esconde atrás da busca do conhecimento de si que só aparece quando o homem parte nessa busca. O aparecimento é das coisas que estão por trás do homem, os símbolos, e mais símbolos. A busca por um conhecimento objetivo da cultura, mundo, do outro, começa sempre, para Cassirer, na busca pelo conhecimento de si. O subjetivo em direção ao objetivo:

Parece que não podemos apreender a realidade senão por meio da peculiaridade dessas formas, mas, ao mesmo tempo, parece que nessas formas, a realidade tanto se oculta quanto se revela. As mesmas funções

⁶ FFSIII – Filosofia das Formas Simbólicas III - Fenomenologia do conhecimento.



básicas que dão ao mundo do espírito a sua determinação, seu caráter, mostram-se, por outro lado e de modo equivalente, como refrações que o ser individual e único experimenta em si tão logo é percebido e assimilado pelo “sujeito”. Sob esse ponto de vista, a Filosofia das Formas Simbólicas nada mais é do que indicar para cada uma dessas formas o, por assim dizer, índice determinado de refração, que lhe é específico e peculiar. (CASSIRER, 2014, p. 20)

As formas simbólicas, como pode ser compreendido pelo trecho, a cultura pode ser um óculos que está no homem e não pode ser tirado. A maneira de enxergar a realidade é sempre filtrada pela cultura. Os símbolos estão sempre colocando-se, mesmo que através de uma atividade, como manifestações espirituais que revestem o homem de arte, linguagem através de sua obra linguística e artística.

A ação para Cassirer nunca deve ser tomada como algo material, embora reconheça a materialidade da ação, e muitas vezes sua possibilidade. Entretanto, a questão para Cassirer está em que dois homens podem vivenciar a mesma situação de maneiras totalmente distintas, devido aos óculos da cultura, e essa situação os levará a vivenciar outra situação de modo ainda diferente que outro viveria. Entretanto, se houve tal acontecimento, não deve ater-se às suas sensações a respeito de algo, mas, como afirma na FFSIII, os sentidos voltam para o pensamento. E o fato de todas as coisas no homem “voltarem para o pensamento”, ou seja, não estarem limitadas ao âmbito de uma mera relação sensorial, dá a possibilidade de construção de uma imagem de mundo, pela palavra e pela consciência. As formas simbólicas, dessa maneira, são atividades que possuem sua criação no pensamento a partir de experiências sensoriais.

A forma desses símbolos é dada pelo homem, através da atividade, mas esta atividade mesma é sempre carregada de sentido espiritual. Por isso que Cassirer privilegia as habilidades ativas do homem às passivas, pois são essas que constroem as formas simbólicas, que definem o homem como ele é. Essas que estão sempre ligadas ao espírito, e que estas fazem parte do processo de autoformação do homem na criação de novas formas simbólicas. O que são, então as formas simbólicas? Como interpretar o mundo que é construído por formas simbólicas? Esta seria, grosso modo, a pergunta da filosofia de Cassirer na década de 1920. Cassirer então segue com a interpretação de sua empreitada:

A Filosofia das formas simbólicas não volta seu olhar exclusivamente e em primeiro plano para o domínio dos conceitos de mundo puramente científicos e exatos, mas para **todas as direções do entendimento de mundo. Ela procura apreender esse entendimento em sua multiplicidade de formas, em sua totalidade e na distinção interna de suas manifestações.** E, nesse processo, o “entender” do mundo nunca se mostra como simples aceitação, como simples repetição de uma dada estrutura da realidade, mas contém em si uma **atividade livre** do intelecto. Não há nenhum autêntico entendimento de mundo que, de alguma forma, não esteja fundado em certas linhas básicas não apenas na reflexão (CASSIRER, 2011, p. 13. Grifo nosso.)



A filosofia de Cassirer não é uma metafísica ou uma ontologia, no sentido clássico, mas uma hermenêutica das formas simbólicas, ou seja, Cassirer almeja colocar a cultura sob interpretação da própria cultura para compreender o conceito fundamental que move a relação do espírito do homem com a realidade, a saber o símbolo.

A totalidade dessas “direções do entendimento humano” não se limitam ao mundo científico, embora Cassirer use muitas vezes da ciência para buscar uma objetividade em sua crítica da cultura, mas “na procura por apreender esse entendimento em sua multiplicidade e em sua totalidade o método será buscar como a liberdade do homem pode criar em diferentes culturas as mesmas linhas que fundamentam compreensões de mundo parecidas em lugares distintos e tempos distantes. Cassirer deseja desenvolver uma teoria da interpretação da cultura e compreender a relação desses elementos que formam a cultura – as formas simbólicas – e também a relação destes elementos com o todo da cultura.

A divisão proposta em FFSIII em “função expressiva”, “função representativa”, “função significativa” demonstra a importância deste conceito para Cassirer. Este mesmo, o conceito de função, não foi o suficiente para dar conta da *crise* da filosofia de Cassirer - “O que é o homem?” - e como dar uma resposta a esta questão propondo uma “unidade da razão”. A substituição do conceito de substância pelo conceito de função dá-se pois o conceito de substância não dá mais conta da unidade da razão do homem em sua multiplicidade. Ora a definição de substância, conceito indivisível, é incompatível com a ideia de algo múltiplo como o homem. Neste sentido, continuando a busca pela unidade da Razão que Cassirer propõe a definição do homem pelo símbolo. Em uma conferência na biblioteca de *Warburg*, em 1921-1922 chamado “*Der Begriff der symbolischen Form im Aufbau der Geisteswissenschaften*” (O conceito de formas simbólicas na estrutura das ciências do espírito). Nesta conferência, Cassirer escreve o que, segundo Friedman (2000), seria sua primeira definição de formas simbólicas:

Se imaginarmos que essa tarefa será resolvida, as formas conceituais e cognitivas particulares, tais como formas genéricas da compreensão teórica, formas que descrevem o mundo a partir da ética, estética e religião, teriam seus direitos garantidos e seus limites delimitados. Cada forma particular seria certamente relativizada nesta concepção em relação às outras – mas como essa relativização é totalmente mútua, uma vez que nenhuma forma individual, mas apenas sua totalidade sistemática, passaria a conter a expressão 'verdade' e 'realidade', os limites surgindo daí, por outro lado, apareceria como limites inteiramente imanentes – todo e considerá-lo no contexto do todo. (FRIEDMAN apud CASSIRER, 2000, p. 98. Tradução nossa.)

Esse sistema de símbolos constrói a realidade humana a partir do todo das formas do espírito. Cada forma particular é um *scema* de síntese da realidade de modo intuitivo em



relação com a natureza. A cultura é o momento que através da criatividade simbólica do homem, há a transformação de uma realidade natural numa realidade humana, através da obra – seja obra de arte, obra jurídica, obra ética, ou outra, de modo que o espaço da *phýsis* não se encontra mais para o homem, mas apenas o espaço da cultura. Entretanto, mesmo sendo uma mediação simbólica que se coloca através de uma intuição, há o reconhecimento de que esses limites são imanentes. Em relação a esta definição, Cassirer a desenvolve, dizendo:

Por “forma simbólica” [entende-se] aquela energia do espírito [*Energie des Geistes*] através da qual um conteúdo de significado mental está ligado a um signo sensual e interior dedicado a este signo. Nesse sentido, a linguagem, o mundo religioso mítico e a arte nos apresentam, cada um, uma forma simbólica particular. Pois em todos eles vemos a marca do fenômeno básico, que nossa consciência não se contenta em receber a impressão de fora, mas sim que permeia cada impressão com uma atividade livre de expressão [*mit einer freien Tätigkeit des Ausdrucks*]. No que chamamos de realidade objetiva das coisas, somos assim confrontados com um mundo de signos e imagens autocriados. (GORDON apud CASSIRER, 2011, p. 14. Tradução nossa.)

Como percebe-se na citação, o Símbolo para Cassirer necessita destes dois espaços; um sensorial, e outro ideal. O mundo de imagens, sinais e signos autogerados não é natural, mas próprio ao que é humano. O símbolo é o elemento da mediação, no qual é a obra da criação humana que determina o limite do entendimento e compreensão do homem daquilo que este chama de mundo externo. Pode-se dizer que os elementos sem os quais não há o símbolo são uma imediação sensorial e a mediação simbólica de criação, através da função de expressão mítica, que compõem o que Cassirer chama de círculo funcional e o elemento simbólico humano. Deste elemento básico, a expressão mítica, há outros que surgem, como por exemplo a estética, através da função de representação do mundo.

Com esta definição, proposta no símbolo, Cassirer abarca não só as ciências da natureza e não só as ciências do espírito, mas numa unidade as ciências da cultura. Cada uma das partes que compõem a cultura são símbolos, ou também manifestações simbólicas. Dos sinônimos do conceito de formas simbólicas em Cassirer, ressalta-se o uso de: sistema de símbolos, atividades simbólicas; manifestações culturais manifestações do espírito; manifestações da consciência humana (PORTA, 2014, p. 26.)

Lembrando que a proposta de Cassirer está em dar uma solução da unidade da razão herdada pela escola de Marburg, e conciliá-la com um novo tipo de homem, proposto pelos filósofos românticos e radicais, como Schelling. Goethe, Nietzsche e Kierkegaard. É no conceito de símbolo que Cassirer consegue abarcar tanto o que se compreende como o homem irracional, como o homem que desenvolve a lógica simbólica e aquele em sua mais



pura busca por evidências empíricas, essas diversas manifestações culturais, são unidas através do conceito de símbolo.

O sistema de símbolos é múltiplo e completo em sua totalidade. O homem é um na relação do todo das formas simbólicas sem deixar de ser múltiplo nas tantas manifestações e atividades simbólicas. Como referido, o símbolo para Cassirer também possui sua origem na Gestaltterapia. A pregnância simbólica – conceito que Cassirer absorve da Gestaltterapia, é notada no sistema de símbolos como a natural observância de uma consciência una em detrimento de uma visão de mundo que se constitui a parte de um todo em relação a outras. O todo é preferível às partes. A noção de que os pontos esparsos se preenchem para formar uma imagem que aparentemente não está lá, como no exemplo da formação do triângulo de Gaetano Kanisza, em que não há triângulo algum, mas o todo prevalece na sua relação entre as partes formando a imagem de dois triângulos que se sobrepõem, assim também se dá no conceito de realidade e de verdade para Cassirer. As partes dependem da relação entre si e da relação com o todo para validar-se como verdade.

A realidade é composta pela estrutura dada pelas formas simbólicas em suas relações, mas se de fato ela existe, para isso não há provas contundentes. Ademais, cada forma simbólica não é apenas uma visão de mundo, mas um mundo em sua totalidade. Entretanto, essa totalidade não se valida se não for confrontada com outra construção de mundo, assim formando o que Cassirer chama de sistema de símbolos. Com isso, Cassirer busca fugir de um multiculturalismo e de uma psicologia de “visão de mundos” (GORDON, 2012).

A história precisa da história da matemática, a matemática confronta-se na cartografia com a estética, e assim por diante. Esse todo, ainda informe, é o que define o mundo do homem, sempre em construção na pergunta que permanece e volta constantemente para o mesmo homem. À medida que cria novas formas e conhece a si mesmo nelas, mais a questão do homem retorna numa pluralidade de sentido e amplia a sua universalidade. “O que é o homem?” O indivíduo pergunta para si. A tese central de Cassirer, do homem como animal simbólico, faz-se novamente importante, na qual ele apoia a defesa de que o homem múltiplo encontra a unidade da razão apesar de sua constante autoformação. Entretanto, a crise de Cassirer ainda não foi respondida apenas com o conceito de símbolo. E para responder esta questão é primeiro necessário compreender como Cassirer compreende a origem da consciência do homem e dos símbolos – a consciência mítica.

A ESTRUTURA DO PENSAMENTO MÍTICO E CRISE DA CONSCIÊNCIA MÍTICA



A ideia da consciência mítica como origem do símbolo e da própria da consciência humana é trabalhada por Cassirer no segundo tomo das FFS, no qual ele apresenta os elementos principais estruturantes do pensamento e sentimento mítico, que devem ser colocados neste trabalho em função de melhor compreensão da argumentação sobre a crise da consciência mítica.

O mito original para Cassirer seria a consciência unitária a partir da qual surgiu do homem todos os elementos da cultura humana. O mito não pode ser limitado, afirma Cassirer, a um caos amorfo, a algo que não faz sentido, mas possui uma lógica interna, e essa lógica é essencial para a construção de toda a cultura, mesmo que a sua lógica seja a mais refratária e elementar, pois é a partir desta que se constroem todas as outras divisões da compreensão da cultura humana. Segundo Cassirer:

Pois se o conjunto dessas formas realmente constitui uma unidade sistemática, isto quer dizer que o destino de uma está estreitamente ligado ao da outra. Toda negação que atinja uma delas deve, com isso, estender-se mediada ou imediatamente às outras – toda aniquilação de um único membro ameaça o conjunto, à medida que este não seja pensado como um mero agregado, mas como uma unidade espiritual-orgânica. E que o mito, nesse conjunto e para esse conjunto possui uma significação decisiva, torna-se imediatamente patente quando divisamos a gênese das formas fundamentais da cultura espiritual a partir da consciência mítica. (CASSIRER, 2004, p. 3)

Neste momento, o homem não possuía uma divisão numa multiplicidade de formas simbólicas, mas seu contato orgânico com o mundo era uma “unidade sistemática”. Embora pudesse haver outras manifestações que talvez parecessem ser diversas do mito, ao que afirma Cassirer, todas elas são também parte da configuração da imagem mítico-mágica e na força da palavra mágica – falada ou escrita – com participação na solidariedade da vida e configuração de um mundo unitário e indivisível que responde ao homem em através de seus encantamentos.

No capítulo sobre a linguagem do livro EH⁷, Cassirer aponta dois elementos que compõem a estrutura do pensamento e sentimento mítico de modo basilar, sem os quais o mito não pode ser considerado como tal. Estes são a “solidariedade da vida” e a “palavra mágica”. A solidariedade da vida é o elemento que une o homem à sua coletividade mítica, dá à magia o seu poder, permite que o inanimado tome vida em “estados de deuses e demônios” (CASSIRER, 1992).

É através da solidariedade da vida que o mundo ao redor do homem toma um novo significado, nada é visto sem o contato com a vida e seus encantos, e não há contato com nada a não ser através da palavra mágica. Assim, no momento da criação do mito o homem

⁷ EH – Ensaio sobre o Homem - Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana.



percebe-se como se fosse totalmente dependente da natureza, e como se em seu espírito não houvesse espontaneidade alguma, mas tudo que há em si fosse doado pela vida. Assim, a sociedade, natureza, todos são similares e dificilmente distintos.

A palavra mágica é o poder que une o homem à natureza, a natureza à sociedade, une os números às forças ocultas, o espaço aos mortos e o tempo às estações. Nas sociedades primitivas, no homem moderno, o mito é uma forma que persiste. De modos diferentes, mas não se consegue apagar o mito. Pontos que se destacam na estrutura do pensamento mítico são seu caráter unitário, o poder de criação e permanência no homem.

Em LM⁸, Cassirer argumenta como, na origem da consciência humana, o mito, arte e linguagem (primitiva) eram inseparáveis, e a partir destas três formas que Cassirer chama de orgânicas ou míticas, desdobram-se as outras formas simbólicas:

A realidade é que, no curso desta evolução, as palavras se reduzem a cada vez mais a meros signos conceituais...Mito, linguagem e arte formam inicialmente uma unidade concreta ainda indivisa, que só pouco a pouco se desdobra em uma tríade de modos independentes de plasmação espiritual. Em consequência, a mesma animação e hipótese mítica experimentada pela palavra, é também compartilhada pela imagem e por toda forma de representação artística. Na perspectiva mágica de mundo, em particular o encantamento verbal, é sempre acompanhado pelo encantamento imagético. (CASSIRER, 1992, p. 182)

A lógica do pensamento mítico é compreendida por não haver ainda nele uma relação abstrata ou reflexiva do mundo. O espaço abstrato não existe, não há um tempo cronológico e o fator básico no mito que prevalece é o da “metamorfose”. O mito é o reino da pura expressão espiritual, no qual o homem vê-se entre demônios deuses e toda possível participação ativa do mundo torna-se numa passiva reação da natureza aos encantos e magias na relação com o sagrado e o profano. A natureza e a vida, a magia e sua permanência no homem, são, no seu estado mais primitivo e unitário da consciência, uma forma de solidariedade que dá ao homem poderes de unidade total e imediação com a natureza através da palavra mágica.

Assim como o limite entre as formas naturais, o limite entre o 'eu' e o 'você' é inteiramente fluido. A vida aqui ainda é uma única torrente contínua do devir; um fluxo dinâmico, que só se divide e só se separa em ondas isoladas, de forma gradual. (CASSIRER, 2011, p. 395)

As ondas isoladas, que aparecem de forma gradual, são a causa do que Cassirer chama de “crise da consciência mítica”, ou “dialética da consciência mítica”. A estrutura unitária, que coloca todas as barreiras do universo humano, também fundamentará os limites para que sofra uma separação do homem a partir de novas criações do espírito.

⁸ LM – Linguagem e Mito.



Nem a imagem mítica, onde aparece pela primeira vez, e sabida como imagem, co-expressão espiritual. Ela está tão rigidamente fundida à intuição do mundo material, da realidade “objetiva” e do acontecimento objetivo, que aparece como um elemento integrante dela. Por isso, aqui também não existe originalmente uma cisão entre o real e o ideal, entre o domínio da “existência” e o domínio da “significação”. A passagem entre esses dois domínios se dá continuamente, não apenas na representação e na fé, mas também na ação do homem... mas na evolução paulatina da visão mítica de mundo também se introduz essa separação: e é essa separação que constitui o verdadeiro início da consciência especificamente religiosa. Quanto mais procuramos retroceder até suas origens religiosas, tanto menos se pode separar o conteúdo da consciência religiosa do conteúdo da consciência mítica. (CASSIRER, 2004, p. 396-397)

Cassirer começa a última parte de seu segundo tomo das FFS abordando como o esforço do livro, até então, foi de “apresentar o mito como uma energia unitária do espírito: como uma forma coerente de apreensão, que se afirma em toda a diversidade do material objetivo das representações.” (CASSIRER, 2004, p. 391). Essa força, o mito, não é uma massa incoerente e irracional, mas, mesmo assim, não é uma reflexão filosófica, ou uma empiria científica. E, a partir dessa “força unitária” há o desdobramento de diferentes formas simbólicas. Essa compreensão é essencial para uma visão crítica da cultura e autolibertação pelos símbolos

Pois um exame no desenvolvimento de cada uma das formas simbólicas vai mostrar-nos que, por toda parte, seu mérito essencial (do mito) não consiste em retratar um mundo exterior em um mundo interior pronto, mas sim que é primeiramente nelas e por seu intermédio que os dois momentos do “interior” e do “exterior”, do “eu” e da “realidade” alcançam sua determinação e sua delimitação recíproca... Antes, o mérito decisivo de cada forma simbólica reside justamente em não ter antecipadamente um limite entre o eu e a realidade, um limite fixo para sempre, mas em estabelecer ela mesma esse limite – e em que cada forma fundamental o estabelece diferentemente. (CASSIRER, 2004, p. 266)

Estas diferentes formas surgem a partir da relação que é retratada no mesmo livro, quando Cassirer trata do mito como forma de vida. A “vida mítica” é tão essencial para o homem que sem ela não haveria manifestação alheia ao mito. O mito pode ser considerado por alguns, aponta Cassirer, apenas uma massa amorfa e sem sentido, mas o mito é, na verdade aquela forma que em sua unidade básica do espírito está projetando toda a cultura de maneira embrionária, e que, uma vez superada permanece através da expressão, e expressão tal que é a fonte de toda a criação do homem. Aparentemente uma constatação lógica de que o mito é a origem das outras formas, uma vez que é, historicamente anterior às outras, se pensarmos numa lógica cronológica, como que um veio antes do outro, mas para Cassirer é o mito quem estabelece os fundamentos para o desabrochar de todas as outras formas simbólicas em sua construção, não importa a época ou espaço, como uma roseta ao desabrochar suas pétalas a partir do mesmo centro (CASSIRER, 2014 p.432).



Cassirer vê os ganhos históricos que nos “libertaram” do pensamento e sentimento mítico como uma tragédia inerente à cultura humana, assim como as perdas de o homem ter superado o mito, com o surgimento das formas simbólicas. Como ele mesmo aponta em EH, citando Rousseau, “o animal que medita é um animal depravado” (CASSIRER *apud* ROUSSEAU, 2005, p. 48). A suposição de Rousseau, de um homem longínquo nos impõe a reflexão sobre as perdas do estado inocente de consciência mítica. Dentre as perdas trágicas, dentre outras virtudes, talvez a forma mais pura do homem a se perder, conclui Cassirer, tenha sido aquela manifesta em seu encontro direto com a vida, que nunca mais se manifestará, pois sempre está mediada por símbolos.

O contato direto com o mundo é algo distante para a compreensão humana, pois quanto mais tentamos nos livrar dos símbolos, mais usaremos deles para expressar a natureza ou a nós mesmos. A respeito disso, Cassirer propõe a ideia de que em algum momento o homem se separou do resto dos animais ao desenvolver uma mediação simbólica – a relação de mediação com o mundo.

A origem da consciência no mito é tida por Barash (2008, p. 1690) como a própria revolução copernicana de Cassirer, dada sua importância na obra do autor. No contato primitivo e confuso que o homem possui com as coisas por meio dessa manifestação mítica, ... A análise do mito em Cassirer, portanto, é mostrar que mesmo as manifestações mais logicamente refratárias e que se mostram aparentemente irracionais e contraditórias também fazem parte do domínio da razão humana. Entretanto, não daquela razão moderna e puramente científica, mas uma razão mais completa e que abraça o homem como o todo que este é. No mito, o homem confunde o que é vivo e inanimado ... A ideia de tempo, espaço e número não é um conceito abstrato, mas retorna a um espaço e tempo primitivo numa relação mágica com poderes, deuses e demônios. (PINHEIRO in: CASTANHEIRA, 2016, p. 57)

A tragédia da cultura tende a lidar com perdas e ganhos, é nesse movimento que Cassirer constrói uma proposta de determinismo histórico e compreensão do conhecimento humano. Da mesma forma, o estado irreflexivo e ingênuo do homem que legou a este a cultura por meio de uma crise existencial descrita em EH, o homem se separou da natureza e ganhou uma comunicação rica chamada racionalidade, aos poucos a própria razão entra em outra crise. Com o tempo, o homem antigo se depara com um problema – a incoerência do pensamento mítico. Essa incoerência vem, como afirma Cassirer, como ondas gradativas que, em seu exemplo da religião, sendo a primeira forma a aparecer na FFSII⁹.

A religião pode apontar incoerências que mostram que há uma possível divisão entre o eu e o tu, como por exemplo do Deus israelita, que propõe uma clara diferença entre ele e o homem, ou no livro dos mortos que encontra uma divisão entre o panteão dos deuses do

⁹ FFSII – Filosofia das Formas Simbólicas II - O pensamento Mítico.



Egito e os mortais. E mesmo neste, na superioridade entre Rá, o deus sol, e os demais, como um caminho em direção ao monoteísmo. Neste momento, a religião se põe como crítica do mito e uma divisão gradativa da unidade da consciência com o mundo da vida, exigindo que outra forma tome lugar desta relação, em novos limites com a realidade. Assim, aos poucos, o homem deixa a relação unitária com a realidade por uma multiplicidade de expressões, que partem da criatividade primária do mundo da vida – a consciência mítica.

Aos poucos, por diversos elementos apontados por Cassirer em FFSII, como o ponto fixo em um elemento para a ética, a transferência para o sacrifício de um elemento externo e espiritual para uma relação de libertação, como aponta na transposição do pensamento védico para o budismo, no qual o homem não liberta mais o eu, mas se liberta do eu; ou numa busca de racionalizar a palavra mágica ou revelada, como houve nos primórdios do cristianismo. Como Cassirer coloca a respeito de Lutero e sobre a igreja primitiva em sua relação com a palavra revelada (*rhema*) e da palavra discursada, ou escrita (*lógos*), dizendo da diferença em que há entre estes, e que o deus mistério que se opõe aos profanos deuses (pagãos) que aparecem em estátuas e imagens, enquanto este é um deus *absconditus*.

O esconder-se de Deus é uma característica inerente ao mito, que também aponta para um revelar-se, e essa revelação está, no mito, para além – não aquém – da razão. Na religião, no entanto, muitas vezes a razão é um aliado para fundamento da fé, por meio da teologia e apologética. A palavra revelada é, como afirma Schiller, um modo de resgate da palavra mágica, mas também marcada pelo ritual religioso que o afasta do mito. (CASSIRER apud SCHILLER, 2004 p.119). O aspecto de coesão interna da narrativa mítica não está coadunado necessariamente com a coerência investigativa, e objetiva, em relação aos fatos do mundo. Entretanto, uma vez que essa investigação aparece, é como se o mito ganhasse novas possibilidades, não desaparecendo de cena.

Para colocar numa alegoria, a passagem do mito para as formas simbólicas seria como se, ao retratar uma paisagem, as formas orgânicas – a palavra mágica, a arte em sua expressão primitiva e, tardiamente, outras formas, sintetizadas na unidade da consciência mítica – formassem fragmentos de um único registro, narrado pelo mito. De modo que, essa série de imagens (*bildes*) ofertadas pelo mito, retratam um mundo coletivo na unidade das formas primitivas na manifestação da unidade do ser. O mito estaria, assim, sempre expressando a paisagem de sua forma única – caracterizada pela primitividade, pela relação do homem com o sagrado e solidariedade com a vida. Enquanto isso, as formas artificiais estão relacionadas entre si, a partir de suas diferenças. Haveria a poesia sobre a paisagem, a fotografia, a pintura, o estudo arqueológico, entre outros. A consciência fragmenta-se e



suas manifestações, a partir da narrativa original, pouco a pouco, se desprendem na direção de novas percepções de mundo.

No capítulo sobre o homem e a cultura em EH, a passagem da comunidade mítica primitiva do tabu para uma consciência religiosa ética é definida por Cassirer principalmente nas religiões Zoroastra, Cristã e Judaica – especificamente nos profetas, separados por Cassirer como um renovo no judaísmo. As três religiões possuem em comum, propor um sistema de crenças que não apenas se apoia no tabu, mas numa energia positiva inerente ao indivíduo e sua capacidade ética de agir, considerando valor em relação a um mundo superior, refletindo em atividades cotidianas para com o próximo. A passagem também é considerada em religiões como da Grécia antiga, por exemplo, quando Zeus homérico passa a ser suplantado pelo Zeus de Ésquilo, que não apenas é um deus punitivo e que carrega os raios e os lança sobre os homens, mas é um portador da justiça e um padrão para o agir moral, como descrito em FFSII.

A palavra mágica perde seu efeito quando posta à luz de uma consciência crítica, ou seja, acordá-la sobre si. O mito como tal só pode ser vivenciado, não pensado ou julgado. Ao julgar o mito, no entanto, está se desenvolvendo novas relações com ele, possibilidade que se abre com a crise da consciência mítica. Assim, com esse novo significado que o mito ganha, pode reinterpretado a partir da filosofia platônica, estoica, numa interpretação psicanalítica, ou mesmo numa obra de arte pós-moderna.

A crise da consciência mítica ocorre não só na palavra mágica, mas na escrita e na arte de forma geral. A imagem mítica é formada por suas múltiplas expressões. Na arte em sua forma orgânica, como mostra em LM, o poeta era o feiticeiro, que ao falar também dançava e que o canto possuía um domínio sobre os deuses, como o é por exemplo o domínio das orações védicas sobre os brâmanes. A escultura também não era clara em sua distinção com aquilo que representava. Na forma orgânica, a arte é o mito e o vaso é o caminho misterioso, que contém a voz do sagrado, o meio para comunicação com os espíritos. O sacrifício, o lugar onde o sagrado e o profano se misturam, está embebido de arte. O dançarino põe sua máscara e faz sua performance, mas esta não pode ser de cara sentida de maneira estética.

Se há uma aparente superação da comunicação com espíritos na estética, ou objetividade na verdade filosófica, em contrapartida, a persistência do mito o impede de ser superado. Desde o início da crise da consciência mítica, o mito recebe da própria religião uma nova dimensão espiritual, recebendo pela primeira vez a distinção entre “significação” e “existência” (CASSIRER, 2004).

Em referência ao capítulo sobre a linguagem do EH, é necessário compreender o que acontece com a crise da consciência mítica, explicar o porquê de este momento ser tão



essencial no pensamento de Cassirer, e após, defender sua relevância para a prática docente. Em relação à crise da consciência mítica, e a explicação de sua importância no pensamento de Cassirer, esta frase parece ser a chave para o presente estudo: “É como se agora, de um só golpe, fosse aberto um novo abismo, que a consciência mítica irrefletida e ingênua não conhece” (CASSIRER, 2004, p. 399). Essa crise caracterizada por Cassirer como “um só golpe” não é de modo algum algo repentino, mas é como se, de repente, o mito se confrontasse com sua inconsistência frente a algo que é fruto de suas próprias barreiras. A capacidade de criação do mito, em resposta à realidade molda-se aos poucos à novidade de um duplo espiritual surge no homem. Um, de modo que, uma oportunidade para refletir surge, e uma oportunidade para a crítica. Ambos não fazem parte dos limites do mito, mas aos poucos entram numa manifestação do espírito que se confunde com o mito. E esta, aos poucos se afasta de tal modo do mito que está do seu lado oposto, não é parte deste, sendo necessário para isso dividir-se o mito, o que Cassirer chama de crise da consciência mítica.

A crise da consciência mítica é apontada por Cassirer no terceiro tomo das formas simbólicas e em EH, se referindo ao surgimento da linguagem e ciência, quando neste momento ele se refere à religião como fruto da crise da consciência mítica. Ora, como dito anteriormente, o mito é uma forma persistente no homem. Ela é a origem das outras formas, mas também adapta seus limites aos ganhos concedidos pelas novas formas simbólicas. Formas simbólicas são variadas e seus limites com a realidade são distintos, mas o espírito efetivador destas é o mesmo e é a relação delas e seu conjunto que dá ao homem a sua unidade, assim é necessário ter em vista que a crise da consciência mítica não é privilégio dos povos primitivos, mas é através da própria crise da consciência mítica que o homem experimenta o que Cassirer chama de autoformação – e autoconhecimento.

O autoconhecimento deve ser compreendido na relação entre a crise da consciência mítica e as formas que surgem a partir desta. A realidade que é compreendida pelo homem por meio dos produtos da cultura tem em seu constante desenvolvimento a espontaneidade do espírito que está fundado na criação de novas formas, e, sua inovação, é toda calcada na função de expressão.

Diante da realidade empírico-real das coisas as imagens se confessam como “aparências”: mas essa aparência tem sua própria verdade, porque possui sua própria legalidade. No retorno a essa legalidade ao mesmo tempo surge uma nova liberdade da consciência: a imagem agora não age mais no espírito como algo autônomo e material, mas se tornou para ele a expressão pura de sua própria força criadora. (CASSIRER, 2004, p. 432)

As imagens criadas pelo espírito são fruto, em sua origem, da função de expressão, que abre a cada vez, as portas para uma nova possibilidade em suas diversidades de



símbolos. A inauguração de um símbolo está ligada sempre à crise do mito, seja no nível individual do homem ou da humanidade como um todo. A autoformação, dessa maneira é como uma imagem que se reconfigura a todo instante, mas que permanece, em seu todo, a mesma, através da mesma relação. Uma vez que o homem ultrapassa a unidade em sua consciência de maneira clara, pode-se conhecer aquilo que é o homem tal como Cassirer o define – o homem como animal simbólico.

O homem moderno, mesmo este, tantas vezes vendo Deus apenas como um conceito, não pode ignorar, ao refletir sobre qualquer tema, o alicerce sobre o qual ele está firmado. A religião e o mito, conclui Cassirer, são as fundações da modernidade científica (CASSIRER, 2004). E sem estas não haveria a tecnologia ou a ciência do século XX. As diferentes formas de expressão ajudam a compreender esta importância, uma vez que, para Cassirer tudo volta para o pensamento, e assim, para o símbolo:

Na diferenciação das formas linguísticas, diferenciamos três estágios, os quais designamos estágios de expressão mimética, analógica e simbólica. Encontramos o primeiro estágio caracterizado pelo ato de nele ainda não haver uma verdadeira tensão entre o “signo” linguístico e o conteúdo intuitivo ao qual se refere, que ambos se misturam e coincidem mutuamente. O signo, como signo mimético tenta reproduzir imediatamente em sua forma o conteúdo, de certo modo tenta acolhê-lo e absorvê-lo em si. Só aos poucos se introduz aqui uma distância, uma diferença crescente: e é através dela que se alcança o fenômeno fundamental característico da fala, que se alcança a separação entre som e significação. Somente ao se realizar essa separação, a esfera do “sentido” linguístico se constitui como tal. Em seus primórdios a palavra ainda pertence à esfera da existência: em vez de sua significação capta-se nela, mais do que isto, um ser próprio e uma própria força substanciais. Ele não aponta um conteúdo material, mas se coloca em seu lugar; transforma-se numa espécie de proto-coisa, num poder que intervém num acontecimento real e em seu encadeamento causal. É necessário o afastamento dessa primeira visão caso se queira fazer a inspeção da função simbólica e com isso da pura idealidade da palavra. E o que vale para o signo linguístico vale no mesmo sentido para o signo escrito (CASSIRER, 2004, p. 395-396)

O signo mimético é o modo de comunicar-se primitivo do homem que permanece através dos ritos, danças, gestos, pinturas. Essa expressão mimética é extrapolada pela expressão analógica, que, pela palavra semântica, consegue objetivar uma coisa por meio do signo, da representação. Essa passagem marca a diferença entre a *função de expressão* e a *função de representação*, na qual, a função representativa consegue dar ao homem a capacidade de um novo contato com a natureza. Um contato através dos símbolos, manifestações do espírito que objetivam a natureza. Entretanto, mesmo a linguagem semântica tomando lugar da palavra mágica, afirma Cassirer, ressurgem muitas vezes a confusão entre o que é o representado e o que é expressado, e essa permanece pois há um sentido a mais que ultrapassa a linguagem, na dança, na música, nas artes em geral, e até no comunicar do dia a dia.



Em suma, a linguagem, o meio do homem expressar seu pensamento e até construir uma conexão com as mais abstratas das formas, como ciências teóricas, está ditante de se desprender de suas funções primitivas. Essas formas patológicas, linguagem, arte e religião, são nossa conexão diária e direta com a criatividade humana. Por meio delas a função de expressão nos conecta com as possibilidades infinitas. Assim, a tentativa frustrada de se desprender do mito para exercer a função de libertação pelos símbolos não seria possível, e ainda não caberia na definição de homem compreendida para Cassirer.

A libertação pelos símbolos se constrói pelo exercício dialético de novas relações entre partes que surgem e possibilitam reinterpretações da paisagem do mundo – em direção ao absoluto. Não há forma inferior ou superior, mesmo que a busca pela objetividade seja levada em conta quando vamos ao médico ou fazemos ciência. O que Cassirer propunha, como o próprio Porta nos lembra, é que o desenvolvimento da consciência na cultura não se dá ao superarmos nossa história, mas, de forma circuncêntrica, ou seja, numa espiral contínua de retorno à primitividade, em diferentes maneiras – e não exatamente como imaginamos a escada de Hegel (PORTA, 2011).

CONCLUSÃO

O artigo apresentou a filosofia das formas simbólicas pelo conceito de relação, e neste o tema central da crise da consciência mítica, defendendo que a autoformação do homem, para Cassirer parte de um exercício constante da dialética do mundo da vida para o mundo do Espírito, compreendido pela função de expressão e função de representação.

Para apresentar a ideia de relação, foi exposta a teoria das formas simbólicas, a partir da relação entre parte e todo, compondo a manifestação da consciência, e, sua origem nas múltiplas definições de homem, teorias modernas da ciência e conceito de símbolo.

Para defender a consciência mítica como origem das formas simbólicas, foi exposto exemplos do mito e sua passagem para as outras formas, colocados por Cassirer ao longo da obra “Filosofia das Formas Simbólicas II – O Mito” (1924). Neste momento, defendeu-se que Cassirer propõe que a consciência mítica é, não só a origem das formas simbólicas, mas também a possibilidade da permanência da expressão do círculo da cultura.

No último momento, concluiu-se que as funções que buscam objetividade, como linguagem, ciências teóricas, dependem de funções atreladas à subjetividade, e a tensão e harmonia presente na cultura é o que faz a beleza da multiplicidade da cultura. O movimento de autolibertação pelos símbolos, assim, não depende de uma conquista pessoal, de depender menos do pensamento mítico-religioso, ou das formas ditas patológicas, mas de



abraçar a condição contraditória humana, que busca objetividade e é subjetiva, racional e emotiva ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARASH, Jeffrey Andrew. **The symbolic construction of reality – the legacy of Ernst Cassirer**. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem – Introdução a uma Filosofia da Cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Filosofia das Formas Simbólicas I – A Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Filosofia das Formas Simbólicas II – O Pensamento Mítico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Filosofia das Formas Simbólicas III – Fenomenologia do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Substance and Function- an Essay on Einstein theory of relativity**. Chicago: Open Court, 1923.

GORDON, P. Eli. **Continental Divide: Heidegger, Cassirer, Davos**. Cambridge and London: Harvard University Press, 2012.

PINHEIRO, Wagner de Moraes. O homem como animal simbólico – o cálculo nas decisões humanas. In: CASTANHEIRA, Maurício (org). **Erva Cidreira: Textos sobre produção de conhecimento, produção de material didático e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Publit, 2016.

PORTA, Mario Ariel González. **Estudos neokantianos**. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **A Filosofia a partir dos seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2014.